

Narrativas da cultura italiana no Brasil oitocentista: identidade e subjetividade enunciativa na imprensa de imigração

Gisele Batista da Silva¹

Resumo: O artigo discute a atuação da imprensa em língua italiana no Brasil na segunda metade do século XIX, pontualmente no jornal hebdomadário *L'Iride Italiana*, fundado em 1854 na Corte do Rio de Janeiro, evidenciando o valor simbólico do seu discurso para a consolidação de uma imagem identitária da Itália pré-unificação em solo estrangeiro. Para a análise, o artigo se ocupará dos dois editoriais de *L'Iride Italiana*, publicados em julho de 1854, nos quais as diretrizes culturais do periódico exibem as pistas necessárias de reconstrução das estratégias discursivas utilizadas por seu fundador, editor e redator Alessandro Galleano Ravara. O artigo se divide em três partes: na introdução, mostra-se um breve panorama histórico dos imigrantes italianos, da imprensa em língua italiana na Corte e da atuação social do fundador do jornal analisado. A segunda parte trata do surgimento de *L'Iride Italiana* no cenário tipográfico e apresenta características de sua materialidade e de seu programa editorial. Na terceira par-te, finalmente, procede-se à análise da construção de um discurso simbólico sobre a cultura italiana, como narrativa histórica, por meio de recursos retóricos possibilitados pelo suporte jornalístico.

Palavras-chave: Imprensa de Imigração; Cultura Italiana; *L'Iride Italiana*.

Abstract: The article discusses the work of the press in Italian language in Brazil in the second half of the 19th century, in the newspaper *L'Iride Italiana*, founded in 1854 in the Court of Rio de Janeiro, highlighting the symbolic value of his discourse for the consolidation of a identity image of Italy pre-unification on foreign soil. For the insvetigation, the article analyses the two editorials of *L'Iride Italiana*, published in July 1854, in which the cultural guidelines of the journal exhibit the necessary clues for the reconstruction of the discursive strategies used by its founder, editor and writer Alessandro Galleano Ravara . The article is divided into three parts: in the introduction, it makes a brief historical overview of the Italian immigrants, as well of the Italian-language press at the Court and the social action of the founder of the newspaper. The second part deals with the emergence of *L'Iride Italiana* in the typographic scene and presents characteristics of its materiality and its editorial program. In the third part, finally, we proceed to the analysis of the construction of a symbolic discourse about the Italian culture, as historical narrative, by means of rhetorical resources made possible by the journalistic support.

Keywords: Immigration Press; Italian Culture; *L'Iride Italiana*.

¹ Doutora em Letras Neolatinas (Literatura Italiana) pela UFRJ, Profa. Adjunto do Departamento de Letras Neolatinas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: giselebatista@letras.ufrj.br

Introdução

Em um país estrangeiro, onde se sabe que existe uma Itália no mapa, mas onde todos não sabem como ela está dividida, onde todos não sabem que Genovês e Piemontês, Napolitano e Romano, Parmesão e Luquês, Florentino e Bolonhês quer dizer sempre Italiano, eu hesitei no início.^[1]

L'Iride Italiana, “Ai miei lettori” [Aos meus leitores]

A hesitação de Alessandro Galleano Ravara, manifestada no editorial de seu tão sonhado jornal literário, expressa a inquietação e o entusiasmo da difícil jornada de construção de um espaço que acolheu não apenas o poeta genovês recém-chegado ao Brasil, mas também seus ideais políticos e de cultura literária, teatral e musical. “Fala italiano, onde tu vais; versa o *sim* dulcíssimo da tua Península no ventre da irmã que ela ama”^[2] – a língua e literatura italianas e a crítica do teatro lírico foram, de fato, o *leitmotiv* utilizado no seu jornal *L'Iride Italiana*, cujos editoriais ora analisaremos, para consolidar uma presença estrangeira em pleno Brasil da segunda metade do século XIX; para ali edificar e fazer ecoar uma voz identitária italiana; para amalgamar discurso poético e jornalístico; e para, finalmente, escrever uma história da cultura italiana.

Galleano Ravara não fora o primeiro a se aventurar no universo tipográfico brasileiro. Outros italianos já haviam tentado fortalecer a presença imigratória na ainda jovem imprensa brasileira. *La Croce del Sud*, de 1765, e *La Giovine Italia*, de 1836, foram as primeiras iniciativas jornalísticas que, embora com motivações e temas bastante diferentes, introduziram um diálogo que serviu de ponte entre Europa e Brasil, entre brasileiros e italianos. O jornal de Ravara, entretanto, o primeiro de que se tem resguardo material dessa época, difere desses e de outros periódicos publicados posteriormente, não apenas por sua especialidade temática, como veremos, mas sobretudo pela forma como constrói e usa seu espaço discursivo, com intuito de dar credibilidade e legitimidade à seleção e organização dos temas tratados. O número sempre crescente de italianos no Brasil estimulava esse tipo de projeto, cuja circulação parecia dar maior visibilidade a uma comunidade de número já consistente na Corte. Entre engenheiros, arquitetos, artistas, farmacêuticos, professores e alguns trabalhadores informais, somavam-se mais de 300 famílias de imigrantes italianos no Brasil em 1847, a primeira colônia denominada *Vallones dos Reados* (VANNI, 2000, p.42). Esse número ascendia consideravelmente desde 1843, com o casamento de D. Pedro II e a irmã de Ferdinando II, do Reino das Duas Sicílias, Te-

resa Cristina de Bourbon – posteriormente conhecida como a “mãe dos brasileiros”, a imperatriz D. Teresa Cristina Maria. Aquela aliança política não consolidou relevantes estratégias políticas ou geográficas para ambos os países, mas respondeu rapidamente à necessidade de habilitar Pedro II para o exercício do poder no jovem país, já que a tradição do “bem casar” era vista como autorização indispensável para a figura de um monarca, na medida em que efetivava a sua maioria (SCHWARCZ, 1998, p.91-92). Contudo, pode-se dizer que um dos maiores benefícios conquistados com esse casamento foi ter visto a ampliação de iniciativas culturais e de modernização na cidade do Rio de Janeiro. Foi com esse propósito que os italianos vindos para a Corte, por incentivo e influência da imperatriz consorte, atuaram como mão de obra importante para certa renovação da imagem do país. No Rio de Janeiro, os irmãos Farani, por exemplo, exerceram a profissão de joalheiros desde sua chegada em 1845 e mais tarde tornaram-se importantes empreendedores, tendo construído pelo menos oito vias na cidade. Sem esquecer a intensa atividade do teatro lírico que, em competição com a comédia francesa, ganhou importante dimensão e espaço nos teatros da Corte, tendo tido entre seus admiradores e fomentadores o próprio Imperador e sua esposa italiana, além da presença dos tenores Augusta Candiani e Arturo Gentile.

Já o professor Alessandro Galleano Ravara pertenceu ao grupo de imigrantes ligados às letras e às artes. O jovem de 38 anos chegou ao Rio de Janeiro em janeiro de 1854, mas antes já havia visitado diversos países europeus, inclusive Portugal, destino anterior à sua vinda ao Brasil. Em terras lusitanas, publicou uma antologia de poesias bilíngue, o *Album Italo-Portuguez*, e fez importantes amizades, com Almeida Garret e Antônio Feliciano de Castilho, cujo *Método de leitura repentina* muito influenciou a coluna *Metodo pratico per imparare la lingua italiana* [Método prático para aprender a língua italiana] de sua *L'Iride*. Assim que chegou ao Rio de Janeiro, rapidamente procurou estabelecer-se profissionalmente como professor, oferecendo seus serviços em diferentes jornais locais e revelando a eficácia de seu método didático para o ensino de “línguas estrangeiras vivas”.

A atuação de Ravara como educador rendeu-lhe um lugar no Imperial Collegio de Pedro Segundo, por indicação do Conselheiro de Estado e Ministro da Instrução primária e secundária do Município – ali atuou como professor de inglês, francês e italiano a partir de novembro de 1854. Antes disso, no entanto, o poeta e professor italiano já havia conquistado crédito e admiradores na Corte, e o projeto de iniciar uma publicação na sua língua de origem ganhou finalmente vida apenas alguns meses depois de sua entrada no Brasil – *L'Iride Italiana. Giornale Settimanale del Prof. A. Galleano Ravara* nasceu no dia 2 de julho daquele ano.

Figura 1 – Jornal *Marmota Fluminense*, n.468, de 9 de maio de 1854, p.3.

O Professor Ravara
e a **Lingua Italiana** demonstrada
em **24 lições.**

Quinta feira, 4 do corrente, teve lugar a *Prima Conferenza Italiana* deste novo e importante methodo. A grande aula do collegio — Santa Cruz — da rua do Lavradio n. 17, estava cheia de damas e cavalheiros, além dos discipulos do mesmo collegio, que a tudo assistiam com grande attenção e séria dignidade de homens feitos.

Merecem particular menção, entre outros, a menina D. Theodora Amalia Larrasy e seu irmão, que deram provas não equivocás da capacidade e infallibilidade do methodo declamando poesias italianas, e fallando perfeitamente o Italiano: ambos elles, como o menino Aleixo Monteiro e o Snr. Ornellas, que se distinguiram no ensaio, são discipulos do Curso do Cattete, e têm apenas oito lições.

Os novos discipulos na mesma noite leram com grande desembaraço, e decoraram verso e prosa com extraordinaria facilidade! Felicitamos ao Snr. Ravara, pelo brilhante successo com que foi alli coroado o seu novo methodo.

Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional – www.memoria.bn.br

***L'Iride Italiana*: surgimento, materialidade e programa editorial**

“Trata da língua e da literatura italiana; faz a revista dos teatros; dá as notícias políticas e comerciais; e contém um folhetim de variedades, novelas, dramas e poesias”^[3]. O subtítulo de *L'Iride Italiana* traz em resumo os objetos de seu interesse e divulgação. E ainda que nomeie as notícias políticas e comerciais, estas foram quase inexistentes no periódico. O extenso número de artigos sobre a cultura – literária, musical – e a história italiana compôs, de fato, seu material jornalístico e selou sua natureza de jornal com especialidade temática cultural da península europeia, fato ainda inédito no Brasil oitocentista.

Pode-se dizer que *L'Iride Italiana* teve considerável tempo de vida. À época de seu surgimento e circulação, era comum que os jornais tivessem curtíssima duração, seja pelo escasso recurso financeiro ou pela falta de interesse e adesão do público leitor. No seu caso, circulou de julho de 1854 a janeiro de 1856, com alguns períodos de interrupção, um deles em virtude da morte de seu fundador, redator e editor Galleano Ra-

vara, em maio de 1855. Ainda com Ravara, obteve a ajuda pecuniária do Imperador do Brasil, que financiou o jornal até o falecimento do professor italiano. Retomou suas atividades sob nova direção^[4] meses mais tarde, em outubro, e embora parte da proposta inicial do jornal literário tenha se mantido, o periódico sofreu diferentes alterações: com a publicação de novo programa diretor, passou a incluir imagens litografadas de Auguste Sisson e também adotou perspectiva mais enciclopédica, veiculando assunto mais gerais, sobre saúde e política, além de reservar espaço para anúncios publicitários, possivelmente como forma de sobrevivência para a sua circulação.

Ao todo, encontram-se na Biblioteca Nacional 35 números de *L'Iride Italiana*, 12 de 1854, 22 de 1855 e apenas 1 de 1856; desta lista, não se encontra na hemeroteca apenas o número 23 (provavelmente de dezembro de 1855). O jornal hebdomadário (posteriormente essa regularidade sofreu variação), possuía inicialmente 4 páginas, e a partir de fevereiro de 1855 já era publicado com o dobro de páginas. Apresentava algumas colunas de alta regularidade e algumas de esporádica publicação. Dentre as primeiras, “Metodo pratico per imparare la lingua italiana” e “Teatro Lirico Fluminense”, figuram com maior frequência, estão em quase todos os números da fase de Galleano Ravara; a primeira, como dissemos, dedicou-se ao ensino e à divulgação da língua italiana em solo brasileiro e a segunda à crítica teatral, unicamente do teatro lírico e dos artistas brasileiros e italianos que nele atuavam. Outras colunas circularam poucas e, em alguns casos, uma única vez – dentre elas temos “Politica”, “Notizie Italiane”, “Sciarada” e “Necrologia italiana”. As sessões mais frequentes do jornal revelavam a finalidade do empenho tipográfico de Galleano Ravara: trazer para o Brasil um universo cultural italiano, o qual circulava nas diferentes expressões artísticas da Corte, mas que carecia, segundo o italiano, de compreensão e divulgação para dar-lhe a vitalidade que merecia. Entretanto, vale lembrar, essas pautas se alimentavam de diversos saberes culturais atribuídos a um território que sequer era unificado política ou geograficamente. A Itália deixada por Ravara anos antes era ainda uma terra fragmentada e sob o intenso domínio estrangeiro – apenas uma “expressão geográfica” em busca de liberdade e identidade. É nesse sentido que direcionamos nosso olhar para o periódico em questão: seu desejo de cumprir o papel construtor dessa imagem identitária no interior das páginas jornalísticas, fazendo circular pela Corte brasileira um específico retrato da Itália oitocentista, sob o olhar do *narrador / locutor* italiano Alessandro Galleano Ravara.

Os escopos do novo jornal, publicados em dois editoriais, de 2 e 9 de julho de 1854, são sintetizados em alguns pontos, entre os quais estão excluídas “as polêmicas

vergonhosas, e as críticas envenenadas”^[5]. O nome escolhido para o jornal expressava, segundo seu fundador, a intenção de “trazer à luz e não obscurecer com baixarias” e todas as “melhorias a serem praticadas nos atuais teatros”^[6] seriam “sinceramente aconselhadas”. Dentre as finalidades precípua, Ravara enumera oito: espalhar por toda parte e fortalecer o amor pelas letras italianas; tornar fácil e comum a língua útil ao encantamento do espírito; levar aos seus compatriotas as muitas e raras belezas da literatura portuguesa; aconselhar algumas melhorias na educação ou método de educar a juventude; observar de perto as ausências a que estavam sujeitas o teatro lírico, corrigindo-as com a opinião e apoiando o mérito onde ele se encontrasse; divertir os leitores com histórias e anedotas, educando-o à língua com o artifício da narração e com a representação das cenas da vida; encorajar jovens literatos com as homenagens merecidas e com a crítica prudente; e, finalmente, oferecer um espaço para todos os interessados em escrever no jornal, sem colocar qualquer imposição de próprio interesse^[7].

Nota-se, ao longo do editorial, o privilégio dado à divulgação e manutenção da língua como instrumento fundamental de expressão da cultura italiana, na medida em que ela se encontrava, segundo o Ravara, relegada a segundo plano^[8], conquanto fosse recurso fundamental de manifestação artística. A falta de compreensão do que acontecia nos teatros da Corte, devia-se ao fato de que os brasileiros desconheciam os conteúdos linguísticos ali encenados e cantados, segundo o fundador de *L'Iride*. Para além da voz, das notas e dos *ritornelli*, aquelas encenações evocavam nos espectadores lugares, pessoas, amores, acontecimentos. Flertavam com as cenas da vida, mas também com a profecia, com o inesperado. Música e poesia formavam uma harmônica dupla, enriquecidas por uma língua absolutamente melódica e sintônica^[9].

Alessandro Ravara narra, ainda, no editorial algumas desastrosas experiências com a língua italiana no teatro lírico europeu, no qual se ouvia, muitas vezes, um “italiano esmagado entre os dentes e digerido três vezes na boca”^[10]. Essas anomalias, inaceitáveis para um público que se pretendia erudito, afastava seus homens e mulheres de uma experiência mais genuína com a cultura italiana, na qual não bastava “solfejar o ar do tenor, o rondó da mocinha”, mas era vital, “se não inteiramente ser italiano, ao menos sentir como um italiano, falar como um Italiano, compreender como os Italianos” – para Ravara, faltava um jornal na língua do *dolce sì* no país onde se encenava o teatro lírico^[11]. Vale lembrar que a letra maiúscula usada no adjetivo pátrio (*Italiano*) encenava uma identidade política ainda inexistente. O processo de unificação do território italiano viu-se concluído quase dez anos depois da publicação de *L'Iride*, mas já

estava em curso há mais de uma década, com diversas disputas internas. O jornal ítalo-brasileiro surge, portanto, nesse ínterim, reproduzindo nas suas páginas os anseios de desfecho dessa longa espera e ferida histórica, que subjugava na política e na geografia um sentimento já provado e patenteado por alguns italianos.

O segundo número de *L'Iride Italiana*, de 9 de julho, trouxe uma continuação do editorial, denominada “Carattere e fine principale di questo giornale” [Caráter e objetivo principal deste jornal]. Desta vez em texto bilíngue – provavelmente como estratégia para atingir maior alcance entre os leitores brasileiros – retomaram-se os temas do primeiro número (língua, literatura, teatro lírico, cultura) e manteve-se o tom poético e melancólico da exposição:

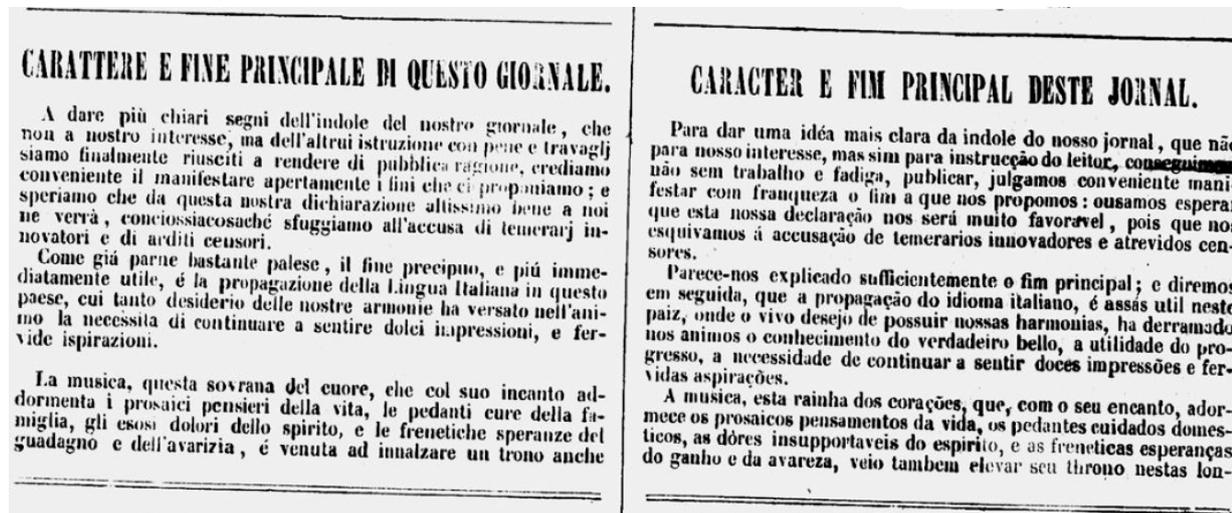
“Os corações estavam cerrados. So ella possuia a chave dos ouvidos... Oh Italia! Oh terra das melodias e das lagrimas musicas [...] o teu magestososim, a tua sacra e potente palavra, não sò nos lábios do artista que embalaste e nutriste, não sò no ouvido do auditorio que ama escutar o teu chòro, nem ao seu coração desce a doçura de tuas sillabas, que supplicação paz na hora da afflicção”. (*L'Iride Italiana*, ano I , nº 2, 9 de julho de 1854, p.2)

Para o fundador do jornal, a língua italiana encontrava-se em condição subserviente, não obstante fosse instrumento fundamental de dicção e construção de todo um acúmulo cultural que subsistia em meio à fragmentação territorial. A língua italiana, como hoje a conhecemos e encontramos nas páginas de *L'Iride*, não era ainda uma realidade concreta em solo europeu, fora de seu uso literário-artístico ou oficial e diplomático, entre homens letrados. Os dialetos regionais ainda prevaleciam no cotidiano dos homens comuns que, sem qualquer instrução formal, comunicavam-se do mesmo modo que seus ascendentes. Já nos lábios dos poetas, tenores e barítonos predominava a língua das “Três Coroas” (Dante, Petrarca e Boccaccio), que desde o século XIII cantavam a história de uma “república das letras”, isto é, uma expressão coletiva que existiu antes na pena da literatura que na solenidade de um governo (JOSSA, 2006, p.77).

Os editoriais da publicação de Galleano Ravara, portanto, introduzem não apenas os temas de que se ocupará o jornal, mas já dão importantes indícios das seleções que foram posteriormente feitas por seu editor e redator, elocução quase que exclusiva do jornal, e principalmente das motivações que alimentaram o desejo de levar adiante a sua “ideia”, que “como o remorso, nos persegue por todos os lugares, nos segue, nos angustia, nos incita”^[12] – desejava forjar em solo estrangeiro a identidade

italiana, baseando-se na reputação e notoriedade da “república das letras” e construindo nas páginas de seu jornal uma história da cultura italiana.

Figura 2 – Jornal *L'Iride Italiana*, ano I, n.2, de 9 de julho de 1854, p.1.



Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional – www.memoria.bn.br

L'Iride: a narrativa da “nova-velha” Itália

Mostramos como os dois editoriais de *L'Iride Italiana* apresentaram o programa do jornal como uma espécie de manifesto em favor de uma nova percepção da Itália e de sua comunidade, além de uma renovada assimilação de seu patrimônio cultural, baseando-se em um discurso de lamentação pelo abandono e desamparo de seu espólio. Galleano Ravara cria, por meio de uma retórica ilustrativa, uma *narrativa*, na qual a cultura repousava como “velha conhecida”, dotada de consistente memória, em antítese com o atual descuido e desinteresse por sua história. Atribuía ao jornal a tarefa de formar uma consciência civil sobre a Itália, por meio da narração da história de sua cultura artística, literária e teatral/musical, fundando-se no valor comunitário que esse discurso possui e que é de fato seu traço instituidor.

A declaração à “irmã que ela ama” busca consolidar as raízes latinas que ligam as línguas portuguesa e italiana e declaram uma *amizade*, capaz de existir e se fortalecer somente no universo da cultura. O caráter socializador da palavra reforça a ideia de compartilhamento por meio da língua, e se fixa em um jogo retórico que combina harmoniosamente os destinos de ambas as nações: o jovem Brasil e a “nova-velha” Itália, inexistente na geografia, mas viva e efetiva no seu patrimônio e recursos culturais, em vistas de se tornar unificada. Os leitores de *L'Iride Italiana*, portanto, se-

rão os “amigos” do poeta, porque partilharão do mesmo destino, dos mesmos interesses e da aventura do universo cultural que o jornal veicula. Galleano Ravara convida os “benévolos leitores” [lettori benevoli] no primeiro editorial, deixando clara a cumplicidade que deve permear essa relação, e dando em troca a adulação de que necessitam^[13]. O poeta italiano sabe que desse vínculo depende a existência mesma do periódico e do fortalecimento da narrativa histórico-cultural que ele pretende encenar, para não correr o risco de ver afundar seu projeto jornalístico. Convoca os *jovens* leitores como público-alvo (“educare la gioventù di questo emisfero”^[14]), depositando naquela “nova comunidade” as sementes dos novos valores de compartilhamento. Stefano Jossa (2006) chama-a de “coletividade holística” e Benedict Anderson (2008) de “comunidade imaginada”: a ideia de um todo reunidor, que dá sentido àquela narrativa histórico-jornalística, se constrói sob bases imaginárias, isto é, que afastam-se da nacionalidade como instituição. De fato, no caso italiano era necessário forjar uma legitimidade emocional profunda que, para ter eficácia, deveria atuar em uma ruptura na relação temporal entre presente e passado, baseando-se na seleção consciente do que pertence a um ou a outro campo cronológico. Assim, o fenômeno da nacionalidade moderna, segundo Anderson, aboliu barreiras cronológicas e se entregou a esferas temporais do mito para fundar e justificar uma dada comunidade. (ANDERSON, 2008, p.12). Nesse sentido, há uma concepção temporal de *simultaneidade* que faz dialogar passado e futuro em um presente instantâneo, no intercruzamento transversal dessas noções de tempo, relegando-as a uma percepção de homogeneidade e liberdade (ANDERSON, 2008, p.54). Em *L'Iride Italiana*, a *Commedia* de Dante Alighieri convive com poemas escritos pelo próprio Ravara e, ainda, com poemas de autoria da Imperatriz Teresa Cristina, retirados de seu álbum pessoal. Essa nova forma de consciência temporal, de que também nos fala Anderson, foi fundamental para criar os espaços discursivos do romance e da imprensa. O jornal, com seus fatos independentes, mas justapostos em uma mesma página tipografada, simula um vínculo efetivo entre aqueles acontecimentos, que ganha efeito por meio de um elo cronológico convencionado – no caso de *L'Iride Italiana*, ligam-se a Itália da tradição e a Itália dos tempos vindouros de unificação. Assim, tanto a quebra de barreira cronológica como o formato romanesco da imprensa contribuem para que em algum lugar fora do contexto do jornal esse discurso continue a existir (ANDERSON, 2008, p.65-66). A ideia de jornal como ficção e consumo instaura a adesão com os leitores, uma vez que a ficção se instala diária ou semanalmente na realidade de uma comunidade, mesmo que de forma anônima (ANDERSON, 2008, p.68-69). Nesse momento, a imprensa transforma-se em aparato

histórico e discursivo, na qual grupos de falantes se tornam cientes de que entendem uns aos outros e, portanto, compartilham uma inteligibilidade por meio do consumo dos mesmos produtos culturais.

Segundo Jossa, há um horizonte político na escolha da cultura como mola propulsora na construção da *consciência de si* entre os “italianos”: “a literatura responde às crises da história dando a uma Itália ‘dividida e discordante’ no plano político e linguístico uma unidade de outro tipo, cultural, fundada nos mitos e valores compartilhados em diferente nível” (JOSSA, 2006, p.84)^[15]. O que notamos, portanto, é que o jornal de Galleano Ravara funciona como espaço virtual, porque se constitui na construção desse imaginário. O inaugurador e redator de *L'Iride* se sente apto a falar em nome de uma comunidade e a comunicar mesmo que a distância, nas folhas tipografadas, pois sente-se parte de um corpo social que lê, escreve e canta em italiano. Parece mesmo muito mais simples sustentar uma “nação italiana” em solo estrangeiro, no qual a única língua “nacional” que se conhece é aquela erudita, literária.

Cabe-nos ainda analisar a elaboração e os desdobramentos do discurso de *L'Iride Italiana*, localizado na fronteira entre texto jornalístico e narrativa ficcional, em um movimento de idas e vindas entre passado e presente, entre memória e atualidade, para a construção de uma história da cultura italiana. Para isso, imaginemos uma biblioteca e todo o seu acervo. Por mais divergentes que sejam as obras de a compõem, quando reunidas naquele espaço físico, passam necessariamente a dialogar entre si, fortalecendo-se mutuamente nessa nova relação. Depreende-se, em movimento análogo à leitura que Edson Rosa da Silva fez do texto de André Malraux (*La Tête d'obsidienne*), que essa conexão palimpséstica que os textos estabelecem através dos tempos impede qualquer pretensão interpretativa adâmica e última dessas obras (ROSA, 2014, p.68). Já vimos como esse jogo discursivo se legitima no espaço jornalístico, fazendo coexistir temporalmente fatos e realidades muitas vezes absolutamente divergentes, mas que retiradas certas referências, igualam-se na arquitetura do discurso. Nesse jogo de remissões e deslocamentos temporais, coube a Galleano Ravara o papel de narrador que, para (re)construir a cultura italiana, completou as lacunas da história da Itália com a ficção poética. *L'Iride*, conseqüentemente, não só reflete sobre o fato histórico, mas também o (re)cria ao sabor da imagem identitária que deseja sigilar para os leitores brasileiros.

A metáfora do palimpsesto na reflexão que desejamos fazer sobre o jornal ítalo-brasileiro se materializa tanto no acúmulo de memórias revocadas sobre a Itália, como no acúmulo de leitores e leituras sobre elas, que não podem existir um sem o ou-

tro. As diferentes vozes que ecoam no jornal, resumem-se à atividade de Ravara como representante e locutor fidedigno da narrativa “nova-velha” Itália – “nova” na proposta de se expandir como cultura relevante e prestigiosa dentro e fora de seu território geográfico, e “velha” porque progenitora, geradora de uma comunidade coletiva, que se reconhece em cada individualidade. Assim, através do presente, pode-se ler toda a história da cultura, da e na qual se frutifica o presente promissor da unificação.

Como extensão da expressão linguística, por exemplo, Galleano Ravara patenteia, no segundo editorial, a música lírica como patrimônio da cultura italiana, reclamando reverências a uma propriedade imaginária, que ele consubstancia na narrativa “nova-velha” Itália. Vejamos o trecho:

Não – não! Outra vez não! – Que um inglês seja legislador ou comerciante, o alemão beba e fume cachimbo, o francês recite a comédia e o italiano cante!... Pena que esta única glória que nos resta não tenha o valor dos troféus de Camilo e de Augusto! Mas é nossa propriedade... é a nossa glória! – única, mas grande!... única, mas encantadora!... única, mas inalienável! (*L'Iride Italiana*, ano I, nº 2, 9 de julho de 1854, p.2)^[16]

Assim, *L'Iride Italiana*, compreendida como uma “biblioteca” viva da cultura, onde confluíram diferentes narrativas (teatrais, musicais, literárias, jornalísticas), permitiu que convivessem vozes de diferentes personagens: atores, músicos, literatos, tradutores, educadores, entre outros. Mesclou “vida real” e ficções artísticas e históricas, confirmando e legitimando seu papel de espaço do discurso simbólico-identitário italiano. Em busca de um *recomeço*, instaurou um lugar para um discurso demiúrgico, no jogo duplo entre o velho e o novo, evocando acontecimentos e reelaborando-os no entrelaçamento das vozes desses diferentes personagens da sociedade – no *jogo*, “um” passa a representar “todos”. Dessa forma, o duplo uso da linguagem jornalística, que apagava as diferenças cronológicas, e da linguagem narrativa/poética, que preenchia lacunas e ficcionalizava a história, fez do *Giornale Settimanale del Prof. A. Galleano Ravara* um suporte de construção de uma imagem da identidade italiana pré-unificação, no Brasil da segunda metade do século XIX.

Figura 3 – Jornal *L'Iride Italiana*, ano I, n.1, de 2 de julho de 1854, p.1.

ANNO I.
282

DOMENICA 2 LUGLIO 1854.

N. 1

L'IRIDE ITALIANA

GIORNALE SETTIMANALE DEL PROF. A. GALLEANO-RAVARA.

Tratta della lingua e della letteratura italiana; fa la rivista dei teatri; dà le notizie politiche e commerciali; e contiene un appendice di varietà, novelle, dramme e poesie.

PREZZO

Reis 10.000 per un anno, e 3.000 per un trimestre. Il pagamento è anticipato. I gruppi e le lettere si affrancano. Un numero separato vale 500 reis.

L'UFFICIO

È nella strada dello Spirito Santo N.º 35. Gli abbonamenti si ricevono dal Sig. F. de Paula Brito, piazza della Costituzione N.º 64, e nell'ufficio del giornale. Le inserzioni costano 40 reis per linea.

Fia l'opra istessa il guiderton dell'opra.

FLICCAIA.

Oui, j'en suis fier encore: ma patrie est l'asyle,
Elle est le temple des beaux arts.....
DELAVIDE.

Thus man the sport of bliss.....
Rises o'er time's eventual sea.
MOORE.

AI MIEI LETTORI.

È da lungo tempo ch'io sto lottando contro le difficoltà che si affacciano ardite e molteplici a combattere la propagazione d'una mia idea — d'una idea prepotente che non mi abbandona mai, che anche di mezzo alle più materiali mie occupazioni, ai miei onesti passatempi si leva dimanz' agli occhi miei, come l'ombra di Virgilio al cospetto dell' esule Ghibellino nella

« Seta selvaggia ed aspra e forte,
in « Che la diritta via era suarrata. »

L'idea! — Chi può resistere ai capricci, all'esigenze, alla forza, all'autorità d'una idea? — L'idea è come il rimorso; ella vi persegue dappertutto, vi segue, vi preme, vi incalza; vi accompagna al riposo, vi appare nei sogni, sorge dall'origliero con la vostra testa martellata e cribrata da mille punture, s'asside al desco con voi, viene con voi al teatro, nelle società, in chiesa. — L'idea! — L'idea è l'Armida del vostro povero cuore; bella come l'amante di Rinaldo, vi accarezza col sorriso d'una maga, prende le pose più graziose della Grazia e vi parla colla tenerezza degli sguardi, come la Venere ad Adone. Si trasforma in mille modi; si veste di un capriccioso e multiforme paludamento e vi chiama a sé colla modestia di Diana, vi trattiene coi vezzi della Cleopatra antica, vi respinge, per richiamarvi a sé poi, più voluttuosa ed amante. Quest'idea, mobile come la foglia portata dal vento, capricciosa come la fortuna, esigente come la moglie gelosa, fatuechiera come Alcina, graziosa come l'Angelica dell'Orlando è la mia compagna perenne, indivisa, tormentatrice. — Ella iva gridando alla mia coscienza: « Parla Italiano, dove tu vai; versa il sì dolcissimo della tua Penisola nel grembo della sorella che ella ama — Prendi queste due belle matrone che il Tempo generò in Roma all'ombra amiche dei lauri di Augusto, e che Camões e Tasso hanno battezzato alla fonte purissima dell'Ippocrate in tempi più vicini a noi — Chiamale ad un bianchetto fraterno e benedette nell'amplesso della riconciliazione, consiagliate a riconoscersi figlie della medesima madre. »

Io sentiva questo sacro linguaggio nel profondo del mio cuore, e le mie labbra lo ripetevano ovunque, e sovente; ma la mia mano non osava d'impugnare la penna per dar nome e vita a questo segreto della mia coscienza.

Venne il giorno dell'ispirazione, e mi sentii trascinato con irresistibile forza verso il fine che il desiderio proponeva, ma che la peritanza indeboliva in faccia degli ostacoli.

In un paese straniero dove si sa che vi è un'Italia nella carta geografica, ma dove tutti non sanno come ella sia divisa, dove tutti non sanno che Genovese e Piemontese, Napolitano e Romano, Parmigiano e Lucchese, Fiorentino e Bolognese vuol dir sempre Italiano, io esitai dapprima; e non ignorando le grandi ingrattitudini patite da molti valenti miei connattini che trovarono chiuse le porte, al loro battere per amor dell'Italiana Letteratura — temi che a me pure venisse negata l'elemosina che io veniva a chiedere a favore di quella derelitta che vive dimenticata da chi più ama — Si diciamo: Finora la lingua italiana fu oltraggiosamente posta in non cale, e solo dobbiamo alla nostra superbia musicale, se oggidi essa può far capolino in questa terra amata dal sole, dov'ella ha da mettere radice per cura degli attivi amanti-del bello, che si daranno briga perché il classi-

cismo dei nostri immortali autori non resti dannato dell'amore del romanticismo francese, a cui finora attinse soltanto, la gioventù studiosa delle due Americhe.

I fini del giornale, che io vi offero, o Signori, sono i seguenti:

- 1.º Di spargere vieppiù, e fortificare l'amore alle nostre lettere italiane.
- 2.º Di rendere facile e comune una lingua che tanto giova a dilettere lo spirito nelle sue armonie.
- 3.º Di recare alla conoscenza del mio paese molte e rare bellezze della letteratura portoghese.
- 4.º Di consigliare alcuni miglioramenti nell'educazione, o nel metodo di educare la gioventù di questo emisfero.
- 5.º Di osservare da vicino le mancanze a cui va ancora soggetto il teatro lirico, e correggerle coll'opinione, lodando il merito ove si trovi.
- 6.º Di divertire i lettori con istorie ed aneddoti, ed educarli alla lingua col lenocinio della narrazione e colla rappresentazione delle scene della vita.
- 7.º D'incoraggiare la gioventù letterata coll'encomio meritato e colla critica prudente e ragionata.
- 8.º Di offrire un mezzo a tutti, che si sentono capaci dell'arringo, di scrivere nel nostro giornale senza mettere un'imposizione a nostro interesse, sulle fatiche del loro ingegno.

N. B. — Non sono accettate le polemiche vergognose, e le critiche avvelenate. — Il giornale ha per sua divisa — dolcezza, mansuetudine, e giustizia — Si chiama *L'Iride* perchè intende a dar luce, e a non oscurarsi con bassezze — I redattori sono indipendenti — Pagano le spese della stampa, e i giornali a cui si associano, i libri che comprano, le sedie che occupano nei teatri. La volontà di essi non è il capriccio, lo spirito di partito — Dipendono dalle leggi della giustizia e della morale — Il vizio, e le mene dei tristi saranno implacabilmente rivelati; i miglioramenti da praticarsi negli attuali teatri sinceramente consigliati.

Lettori benevoli, che lo siate o no, io devo chiamarvi così; chi sollecita, deve adulare, non c'è caso. Ne sono io che lo dico. Un autor francese, di cui poco conta sapere il nome, scriveva questi versi:

Bénévole lecteur que tu le sois ou non
Je dois en t'écrivant l'honneur de ce nom;
Car tout flatte ici-bas: quelque soit son mérite
Tout homme doit flatter alors qu'il sollicite.

Dunque anch'io dirò: *Lettori benevoli* — con ciò che segue:

A me parve sempre un'anomalia la noncuranza della lingua italiana in tutte le terre dove ancora la patria di Metastasio e di Cimarosa ridea le memorie de' suoi trionfi passati nelle armonie di Romani e di Bellini; anomalia, l'abbandono in che la lingua la più soave, la più gentile di tutte si giaceva per colpa, non irreparabile, ma vergognosa di pigri ingegni, i quali avrebbero potuto chiamare all'ammirazione dell'arte, che ancora rende Italia signora del mondo, quei pochi amatori del bello, che solo paghi del suono, trascurano la filosofia e la poesia del suono medesimo. Egli è un fatto incontrastabile: nella cavatina, nel duetto, nel rondò vi è qualche cosa di più di note, di trilli, di fughe, di ritornelli. Piace una voce soave, bella, chiara; ne piace una maestosamente profonda, robusta, maschia... attrae l'attenzione, rapisce, consola una difficoltà graziosa, un'armonia di grate e scorrevoli melodie... v'è nella musica l'ala del vento che sog-

Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional – www.memoria.bn.br

Notas

[1] “In un paese straniero dove si sa che vi è un'Italia nella carta geografica, ma dove tutti non sanno come ella sia divisa, dove tutti non sanno che Genovese e Piemontese, Napolitano e

Romano, Parmigiano e Lucchese, Fiorentino e Bolognese vuol dire sempre Italiano, io esitai dapprima [...]”. *L'Iride Italiana*, ano I , nº 1, 2 de julho de 1854, p.1, tradução nossa.

[2] “Parla Italiano, dove tu vai; versa il si dolcissimo della tua Penisola nel grembo della sorella che ella ama [...]”. *L'Iride Italiana*, ano I , nº 1, 2 de julho de 1854, p.1, tradução nossa.

[3] “Tratta della lingua e della litteratura; fa la rivista dei teatri; dà le notizie politiche e commerciali; e contiene un appendice di varietà, novelle, dramme e poesie”. *L'Iride Italiana*, ano I , nº 1, 2 de julho de 1854, p.1, tradução nossa.

[4] Quem assume a propriedade e redação do jornal é o amigo de Galleano Ravara, Pietro Bosisio, que já colaborava com o jornal antes da morte de seu compatriota.

[5] “Non sono accettate le polemiche vergognose, e le critiche avvelenate”. *L'Iride Italiana*, ano I , nº 1, 2 de julho de 1854, p.1, tradução nossa.

[6] “i miglioramenti da parteciparsi negli attuali teatri sinceramente consigliati”. *L'Iride Italiana*, ano I , nº 1, 2 de julho de 1854, p.1, tradução nossa.

[7] Cf. *L'Iride Italiana*, ano I , nº 1, 2 de julho de 1854, p.1, tradução nossa.

[8] “Finora la lingua italiana fu oltraggiosamente posta in non cale, e solo dobbiamo alla nostra supremazia musicale, se oggidì essa può far capolino in questa terra amata dal sole, dov'ella ha da mettere radice per cura degli attivi amanti del bello [...]” – “Até agora a língua italiana foi ultrajosamente ignorada, e devemos somente à nossa supremacia musical, se atualmente ela pode aparecer timidamente nesta terra amada pelo sol, onde ela [língua] tem de criar raízes para cuidar dos amantes ativos da beleza [...]”. *L'Iride Italiana*, ano I , nº 1, 2 de julho de 1854, p.1, tradução nossa.

[9] Cf. *L'Iride Italiana*, ano I , nº 1, 2 de julho de 1854, p.1-2.

[10] “[...] di quell' italiano schiacciato fra denti e digerito tre volte in bocca [...]”. *L'Iride Italiana*, ano I , nº 1, 2 de julho de 1854, p.2, tradução nossa.

[11] Cf. *L'Iride Italiana*, ano I , nº 1, 2 de julho de 1854, p.2.

[12] Cf. *L'Iride Italiana*, ano I , nº 1, 2 de julho de 1854, p.1.

[13] Ravara transcreve um trecho de M. Viennet, provavelmente de uma de suas peças teatrais, no qual o poeta trata os “benévolos leitores” com adulação, independente do mérito que pos-suam. Cf. *L'Iride Italiana*, ano I , nº 1, 2 de julho de 1854, p.1.

[14] “Educar a juventude desse hemifério”. Cf. *L'Iride Italiana*, ano I , nº 1, 2 de julho de 1854, p.1, tradução nossa.

[15] “la letteratura risponde alle crisi della storia dando a un'Italia ‘divisa e discorde’ sul piano politico e linguistico un'unità di altro tipo, culturale, fondata su miti e valori condivisi a un livello diverso”, tradução nossa.

[16] No – no! Un'altra volta no! – Un inglese sia legislatore o negoziante, il tedesco beva e fumi la pipa, il francese reciti la commedia, e l'italiano canti! Peccato che questa sola gloria che ne resta non abbia il valore dei trofei di Camillo e di Augusto! – Ma é nostra proprietà... é nostra gloria! – sola, ma grande!... sola, maincantevole!... sola, mainalienabile!”. Tradução nossa.

Referências

Todos os números de *L'Iride Italiana. Giornale Settimanale del Prof. A. Galleano Ravara* foram consultados no site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional – Disponível em: www.memoria.bn.br. Acesso em: 8 abr. 2019.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Trad.de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. Trad. de Angela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2007.

JOSSA, Stefano. *L'Italia letteraria*. Bologna: Il Mulino, 2006.

ROSA, Edson da Silva. A leitura como metamorfose. In: MELLO, Celina Moreira de et al. *A palavra, o artista e a leitura*. Homenagem a Théophile Gautier. Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2014.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TRENTO, Angelo. *Imprensa italiana no Brasil: século XIX e XX*. Trad. de Roberto Zaidan. São Carlos: EdUFSCar, 2013.

VANNI, Julio Cezar. *Italianos no Rio de Janeiro: a história do desenvolvimento do Brasil partindo da influência dos italianos na capital do Império*. Niterói: Ed. Comunità, 2000